

ARQUIVOS DESDOBRADOS: I CONGRESSO DE POESIA DE SÃO PAULO (1948)

PEREIRA, Carlos Speck¹

RESUMO: O artigo examina o material relacionado ao I Congresso de Poesia de São Paulo presente na *Revista Brasileira de Poesia*, com o objetivo de revisitar parte do arquivo ligado aos poetas da chamada Geração de 45. O periódico literário, composto por sete edições, foi publicado entre 1947 e 1956, sob a direção de Domingos Carvalho da Silva, Péricles Eugenio da Silva Ramos, Carlos Burlamaqui Köpke, Geraldo Vidigal e João Accioli, em São Paulo. Este grupo foi responsável por organizar o evento, que ocorreu entre 29 de abril e 2 de maio de 1948. Tanto nas colaborações da revista quanto no congresso, é perceptível a interação entre esses poetas e intelectuais e figuras consagradas do modernismo brasileiro, já reconhecidas e relevantes para a cena literária dos anos 1940. Nomes como Sérgio Milliet, Menotti del Picchia, Cassiano Ricardo, Oswald de Andrade e Patrícia Galvão fazem parte desse contexto. No entanto, essa interação, assim como com outros proeminentes críticos literários da época, como Antonio Candido, não se desenrolou sem tensões e oscilações.

PALAVRAS-CHAVE: *Revista Brasileira de Poesia*; Geração de 45; Periodismo literário e cultural; I Congresso de Poesia de São Paulo.

UNFOLDED ARCHIVES: 1st CONGRESS OF POETRY OF SÃO PAULO (1948)

ABSTRACT: The article examines the material related to the First Congress of Poetry in São Paulo present in the *Revista Brasileira de Poesia*, with the aim of revisiting a portion of the archive linked to the poets of the so-called Generation of '45. The little magazine, comprised of seven editions, was published between 1947 and 1956, under the direction of Domingos Carvalho da Silva, Péricles Eugenio da Silva Ramos, Carlos Burlamaqui Köpke, Geraldo Vidigal, and João Accioli, in São Paulo. This group was responsible for organizing the event, which took place between April 29 and May 2, 1948. Both in

¹ Doutorando em Literatura (UFSC). Contato: carlospreckpereira@gmail.com. O presente artigo é resultado do trabalho de Dissertação de Mestrado *Arquivos inflamados: tensões na Revista Brasileira de Poesia (1947-1956)*, defendido em 2023.

the contributions to the journal and at the congress, the interaction between these poets, intellectuals, and revered figures of Brazilian modernism of the time, who were already recognized and relevant to the literary scene of the 1940s, is evident. Names like Sérgio Milliet, Menotti del Picchia, Cassiano Ricardo, Oswald de Andrade, and Patrícia Galvão are part of this context. However, this interaction, as well as with other prominent literary critics of the era, such as Antonio Candido, did not unfold without tensions and fluctuations.

KEYWORDS: *Revista Brasileira de Poesia*; Generation of '45; Literary and cultural periodical; First Congress of Poetry in São Paulo.

Introdução

A *Revista Brasileira de Poesia* foi um periódico literário editado entre 1947 e 1956. Apesar da aparente longevidade, esta “pequena revista” (para usar a terminologia de Whittemore, 1963) sofreu o “mal dos sete números”, como já dizia Olavo Bilac a respeito das revistas literárias do início do século XX.² Não obstante, reuniu um grupo de poetas e intelectuais marcado pela presença, em seu conselho editor, de autores da chamada “Geração de 45”, como Domingos Carvalho da Silva, Péricles Eugenio da Silva Ramos, Geraldo Vidigal, Carlos Burlamaqui Köpke e João Accioli (que à altura assinalavam a emergência de uma nova sensibilidade poética), bem como pela presença, no conselho consultivo da revista, de outros escritores já consolidados na cena cultural e literária, como Antonio Candido, Cassiano Ricardo, Menotti del Picchia, Sérgio Buarque de Holanda, Sérgio Milliet, dentre outros.

Apesar de, em princípio, uma revista literária servir de desponte para um novo contingente de “fazedores” de literatura, é curioso notar que a *Revista Brasileira de Poesia* não nascera sob o desejo de novidade. Os poetas mais atuantes no periódico, Domingos Carvalho da Silva e Péricles Eugenio da Silva Ramos, foram, ao longo da década de 1940, participantes da cena cultural e política de seus meios, como na participação de agremiações literárias da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, nas publicações e na direção de jornais como *Correio Paulistano* e do *Jornal de Notícias-SP* (ambos os veículos oriundos da prestigiosa faculdade, MARTINS; DE LUCCA, 2006). Isso se confirma com a atuação de Geraldo Vidigal

² A efemeridade das revistas literárias, conforme Maria Lucia de Barros Camargo (2003), não se deve, entretanto, apenas à “penúria” financeira que impediria o mantimento das edições do periódico por longos anos a fio, nem apenas aos entraves interpessoais que acometeriam o grupo editor, senão, sobretudo, à inserção desse mesmo grupo (em parte “novo” na cena literária e cultural) nos mecanismos literários mais amplos, na participação de uma camada mais hegemônica de atuação literária, como em editoras, jornais e outras instituições culturais.

e de Carlos Burlamaqui Köpke nesses mesmos veículos como comentaristas de literatura e na autoria de outras colunas jornalísticas. Pode-se dizer que os escritores não eram de todo desconhecidos de um determinado campo de leitores quando publicaram a *Revista Brasileira de Poesia*. "De modo nenhum: no primeiro número, em 1947, na curiosa seção "Arquivo", que reúne, como numa mesa de montagem, fragmentos de textos sobre os poetas editores e contemporâneos publicados em revistas e jornais daquele período. Textos críticos, precedidos pela referência, referências anunciadas muitas vezes em primeira pessoa do plural, textos recortados por mãos de arconte (aquele que tem o poder de arranjar o arquivo conforme convém, conforme seu poder permite, aquele que institui a lei). Fragmentos que dizem, no conjunto, que eles já existiam, que uma nova sensibilidade poética despontava a partir do segundo pós-guerra naquele contexto brasileiro e que se formava, a princípio, solidamente. Portanto, mais do que colecionadora, a seção dava atestado de existência de um grupo, ou pelo menos tentava pretensiosamente.

Maria Marcelita Pereira Alves (1979) é certa ao afirmar a existência de um "programa de ação" da *Revista*, tendo se constituído pela participação ativa nos meios literários, através da organização, por exemplo, do I Congresso de Poesia de São Paulo (1948) e de seu desdobramento na criação do Clube de Poesia de São Paulo. Aliado a isso, Maria Marcelita percebe na revista uma preocupação com o delineamento do panorama contemporâneo das tendências da poesia; em consequência, haveria um forte senso crítico por parte dos principais colaboradores do periódico — o que não se confirma no exame das resenhas publicadas acerca de novos poetas pelos próprios poetas novos, mas na seleção autorreflexiva de textos de críticos consagrados nas páginas da revista, que possuíam como temática a afirmação de uma nova sensibilidade poética naquele momento da poesia brasileira, como "Meditação sobre a linguagem da poesia", de Otto Maria Carpeaux, publicado no nº 2; "Mensagem", de Menotti del Picchia, do nº 3; "O salão, o café e o clube na história da poesia", de Cassiano Ricardo, no nº 4; "Quatro poetas novos", de Sérgio Milliet, nº 5; considerando os textos críticos publicados em outros meios jornalísticos citados na seção "Arquivo" do nº 1, como "Reação poética", de Sérgio Milliet e "O neo-modernismo" de Tristão de Athayde, pode-se concluir que há pelo menos um texto afirmativo acerca da nova poesia em cada número até o quinto número (fora os inúmeros artigos dos próprios poetas de 45 editores e colaboradores do periódico).

É característico do campo literário seu atravessamento por diversas atividades sociais, que favorecem e regem as condições de seu aparecimento. No caso da revista, essas relações

discursivas são ainda mais evidentes. A análise dessas conexões que atuam sobre o campo da literatura como “ideias-força” pode ser bem orientada pela delimitação de um “discurso literário”, como afirma Maingueneau:

Al hablar de “discurso literario” se intenta restituir las obras a los espacios donde son producidas, gestionadas, evaluadas. En ellos las condiciones del *decir* atraviesan lo *dicho*, y lo *dicho* remite a sus propias condiciones de enunciación (el estatuto del escritor asociado a su modo de posicionamiento en el campo literario, los roles vinculados a los géneros, la relación con el destinatario construida a través de la obra, los soportes materiales y los modos de circulación de los enunciados, etc. (MAINGUENEAU, 2018, p. 4)

Principalmente, a busca dos poetas de 1945 em seu programa de ação é pela consolidação de espaço no campo da literatura. Na *Revista Brasileira de Poesia*, tem-se efetivamente a promoção de desdobramentos sociais do periódico; sua análise, além de explicar boa parte da constituição da revista (já que ocupam gradualmente a revista inteira até seu número derradeiro), contribui para a compreensão do alcance e do impacto da revista no cenário então contemporâneo. A ser destacado inicialmente, houve a já mencionada organização do I Congresso de Poesia de São Paulo (1948), cuja promoção foi anunciada desde o primeiro número da revista. A divulgação do congresso será gradualmente maior até o terceiro número, praticamente dedicado ao evento, que havia acontecido dois meses antes. É notável, entretanto, a existência de uma convocação para trabalhos sobre poesia e a publicação do regulamento do evento, como se verá adiante. A presença desta organização de congresso “tão cedo”, já no primeiro número, indica uma ideia de “programa de ação” da revista, como bem disse Maria Marcelita Pereira Alves. Percebe-se que o periódico surgia não só como um veículo para se publicar a poesia, mas também para se pensar a poesia de sua própria época.

Esse indício acabou por dar a tônica dos volumes subsequentes, com uma presença crescente de atividades que reivindicam, por parte do grupo dirigente da revista, sem cessar, aquele “espaço”. Essa presença se realiza de diversas formas e por naturezas também distintas: na divulgação dessas organizações; na publicação de transcrições de conferências; no relatório de atividades do I Congresso de Poesia de São Paulo e, em seguida, nos relatórios do Clube de Poesia; em depoimentos; na submissão da *Revista Brasileira de Poesia* ao Clube de Poesia (que, a princípio, nasceu no bojo das discussões do periódico). Portanto, esses desdobramentos

atravessam a constituição do periódico, compõem sua caracterização e ampliam seus limites, ao passo que produzem esvaziamento de sentido da revista.

O congresso

Um dos números mais relevantes da Revista Brasileira de Poesia quando se trata do I Congresso Paulista de Poesia é o número 3, de agosto de 1948. Nesse número, na seção "Noticiário", são apresentados os acontecimentos do congresso. No entanto, para ser preciso, apenas parte dos fatos é relatada, e estes são comentados de forma suscinta.

O I Congresso Paulista de Poesia ocorreu entre os dias 29 de abril e 2 de maio daquele ano. A publicação dos registros do evento no espaço da *Revista*, segundo texto de abertura dos registros publicados, se deveu ao arrecadamento insuficiente para um volume em livro das falas e relatórios decorrentes dele. A abertura das “solenidades” do Congresso ficou a cargo dos editores da revista, o que reafirma a hipótese de que o evento foi fruto de discussões dentro-fora (o lugar que acolhe, que se mostra, mas não se revela) da “entidade” da revista.

Os trabalhos foram abertos pelo sr. Péricles Eugenio da Silva Ramos, presidente da Comissão Organizadora, que convidou para constituírem a mesa os srs. Sérgio Milliet, Domingos Carvalho da Silva, Carlos Burlamaqui Kopke e Geraldo Vidigal. (*REVISTA BRASILEIRA DE POESIA*, 1948, p. 51)

O mais velho dos mencionados e um mentor da comissão foi Sérgio Milliet, diretor da Biblioteca Municipal de São Paulo, em que se realizava aquela cerimônia de abertura e “que assumiu imediatamente a direção dos trabalhos, aclamado por prolongada salva de palmas” (*REVISTA BRASILEIRA DE POESIA*, 1948, p. 51). Ele foi eleito o presidente do congresso, sendo José Geraldo Vieira, o vice-presidente. A cerimônia de abertura, com toda sua pompa, não terminou ali: às escolhas democráticas da presidência, seguiram-se o debate sobre a constituição dos membros da secretaria subordinada a ela, e a eleição de uma interessante comissão para avaliar as “teses” pronunciadas ao longo do congresso: Antonio Candido, José Eduardo Fernandes, José Tavares de Miranda, Paulo Mendes de Almeida, Patrícia Galvão, Lívio Xavier e Jamil Almansur Haddad. Bastante gente para um conjunto de congressistas ainda maior, que conteve, entre os inscritos presentes, 44 pessoas. Dentre elas, nomes já reconhecidos pela crítica literária se destacam, como Patrícia Galvão, José Geraldo Vieira, Oswald de Andrade, além de vários poetas de diversos estados brasileiros.



Entretanto, é preciso salientar uma falta, a de Menotti del Picchia, membro do conselho consultivo da *Revista Brasileira de Poesia*, mas que não esteve presente no evento promovido pelo periódico. Essa falta não foi responsável por uma ausência de pronunciamento do poeta, que dedicou longa mensagem saudando a nova fase da poesia que via se formar e o congresso que, segundo ele, se equiparava em importância à Semana de Arte Moderna de 22. Essa “Mensagem” foi lida por Mário da Silva Brito e publicada naquele mesmo número da *Revista Brasileira de Poesia*, fazendo parte da seção “nobre” (central) das páginas da revista. Contudo, não foram tão entusiastas, muito menos extensas, as declarações de outras personalidades da tradição modernista e da cena literária brasileira:

Grato amável convite e impossibilitado comparecer faço votos êxito Congresso Poesia. Abraços. Carlos Drummond de Andrade

Lamentando impossibilidade comparecer agradeço honroso convite mandando sinceros votos êxito Congresso. Paulo Ronai

Lamentando sinceramente não poder comparecer aguardo com grande interesse conclusões Congresso. Atenciosas Saudações. Alphonsus de Guimaraens Filho.

Agradeço delicado convite. Comunico deixo comparecer Congresso virtude minhas férias telégrafo terminarem 25 corrente. Formulo votos melhor êxito importante reunião. Saudações cordiais. Sosígenes Costa.

Foram também lidos telegramas do Congressista Francisco Fabiano Alves, de Itapetininga, justificando sua ausência e de Otto Maria Carpeaux e Cecília Meireles, dirigidos ao sr. Péricles Ramos, formulando votos de êxito ao Congresso. (*REVISTA BRASILEIRA DE POESIA*, 1948, p. 53)

Gostaria de mencionar um fato anterior às leituras dos convidados ilustres. Aconteceu algo de grande importância que foi mencionado de forma breve em apenas uma linha e meia de página: a conferência de abertura foi proferida por ninguém menos que Antonio Candido. Sobre esse fato, a revista faz uma menção extremamente sucinta, levando em consideração as manifestações elogiosas já mencionadas em relação ao evento e às novidades propostas: “O discurso oficial de instalação foi pronunciado pelo sr. Antonio Candido. Falaram, sucessivamente, em nome dos convidados dos Estados, o poeta Bueno de Rivera [...]” (*REVISTA BRASILEIRA DE POESIA*, 1948, p. 51). Ao contrário da extensa mensagem afetada

de Menotti del Picchia, o discurso de abertura não foi publicado naquele número da *Revista Brasileira de Poesia*, nem em qualquer outro.

O leitor daquele volume do periódico talvez tenha entendido ser o ensaio “Notas sobre dois aspectos de Ezra Pound” (1948), de autoria de Antonio Candido, apenas algumas páginas após a transcrição do discurso de saudação de Picchia, o texto pronunciado por Candido no evento, já que este ocupava um papel central naquelas páginas, sendo, sobretudo, *ainda* o órgão oficial de divulgação de suas consequências. Mas, não. Certamente por não ter sido condescendente com os poetas de 45, organizadores do colóquio, o texto de abertura não foi conhecido (mas certamente foi bastante comentado) por pessoas que não estiveram naquelas reuniões até o momento de publicação de *Textos de intervenção*, de 2001, organizado por Vinícius Dantas e que reúne palestras e outras falas de Antonio Candido.

“O poeta”, afirma, “dificilmente poderá dar transcendência a valores que lhe parecem eternos, mas que são muitas vezes valores de partido.” Candido sinaliza a esterilidade da cultuação excessiva de certos valores da poesia. Ao comparar isso à ideia de “partido”, posiciona seu discurso como um observador, antes externo que interno, ao desenho de um enunciado acerca da poesia que via ser publicada. Recorre à comparação com algo que seria, em princípio, alheio à poesia e afeito a relações menos poéticas, de partidos em defesa de uma causa, de um anseio de certa comunidade.

No momento, não se trata de enterrar nem ressuscitar 22; 22 já amadureceu e apodreceu, como a fruta paulista do poema de Mário de Andrade, e as suas conquistas são definitivas. Os poetas de agora estão, justamente, exagerando certos princípios poéticos decantados pelo Modernismo na corrente eterna da poesia, e desprezando outros tantos, que os modernistas exageraram de preferência. (CANDIDO, 2002, p. 162)

Parece evidente que o autor, ao criticar ideais estéticos estanques endossados pelo "partido" dos poetas mais novos, tenha adotado o seu próprio. A comparação que evoca entre a fatura poética então recente e a do modernismo de 22 não é originada ali; é justamente o embate ativo dos poetas de 45, seja na atividade da poesia quanto na ação político-literária contra parte do ideário estético do modernismo — em grande medida reduzido a certas revoluções formais como a do verso livre, do uso pitoresco das imagens e da ironia — o que fez nascer essa tensão, que no discurso de Antonio Candido se prenuncia, no substrato, como já existente: daí sua atitude, que antes é de reação que de tentativa de balanço. Sua postura se assemelha e se coloca

ao lado de toda uma crítica hegemônica imediatamente posterior à geração de 45, e que sobrevive até hoje: pautada no desprezo a um grupo monolítico e impreciso de poetas, com alvo a uma parte atuante no cenário do jornalismo literário e, por extensão, na política da literatura. Trata-se de poetas oriundos da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco e de uma determinada classe da elite, da qual partem determinados vestígios linguísticos e culturais, “cultuais”. A crítica de Candido, assim como a constância reativa de Oswald de Andrade (1948) em sua coluna *Telefonema* (ou nas manifestações no congresso e no Clube de Poesia de São Paulo, criado em decorrência do congresso) e a assunção hegemônica dos concretos contribuíram para a cristalização da imagem discursiva, como um *locus* pacífico, em torno dos poetas de 45.

Antonio Candido percebe o uso indiscriminado de limitadas figuras poéticas como tentativa alegórica de evocar certos sentimentos e imagens etéreas. Essa esterilidade seria evidente na falta de correlação entre a realização da poesia no poema e a necessidade poética da materialidade poema; “certa necessidade, certa pertinência estética ou psicológica na junção de palavras e imagens, e que pode ser tanto a reminiscência vivida e amadurecida, a iluminação, a descoberta paciente.”

O crítico explica quais seriam as motivações para o “abuso” de determinadas alegorias. Elas estariam a serviço da expansão dos sentimentos do poema, a fim de que se crie determinada “atmosfera”. Isso, certamente, decorre da ampla leitura de Eliot por parte dos intelectuais naquele idos dos anos 1940, como aponta Vagner Camilo (2020). A tendência verificada por Candido se assemelha ao procedimento estético teorizado pelo poeta-crítico (para utilizar a conceituação de Leyla Perrone Moisés, 1998) mais conhecido por “correlato objetivo”. Não sendo direcionada a Eliot, a crítica de Candido se refere a um uso caricato do procedimento pelos poetas mais novos. Em defesa destes, entretanto, percebe-se na estratégia argumentativa do autor demasiada generalização quanto ao grupo. Este não é constituído por um conjunto fixo nem limitado de escritores, e se manifesta por poéticas muitas vezes distintas entre si.

Interessante apontar que Candido defende uma hipótese que *Modernidade entre tapumes* terá por *leitmotiv*: a comparação da qualidade da inflexão neoclássica dos modernistas e o uso da tradição pelos poetas de 45:

Qual foi o destino dos modernistas? Começaram por ficar em paz com o mundo exterior; abriram os sentimentos e receberam as impressões,



concretizando-as em imagens diretas e quase materiais, reeducando a sensibilidade no primitivismo das sensações. Muitos lá ficaram e a sua poesia nos parece hoje tão velha e sem sentido quanto a dos últimos parnasianos. Outros partiram dali, nutridos da experimentação com as coisas, para uma lenta reconquista das harmonias permanentes do poema. Afinaram, volatilizaram ou deram transporte ao seu verso, depois de lhe haver dado músculos algo selvagens. Daí o segredo dos grandes livros de nossa poesia moderna, como *Estrela da manhã*, de Manuel Bandeira, *Sentimento do mundo*, de Carlos Drummond de Andrade, *Poesia em pânico*, de Murilo Mendes. Os jovens, porém, encontrando aberto o caminho e domado o verbo, se atiraram diretamente no espaço, procurando, de início, captar a harmonia difícil das esferas. E fazem ressoar majestosamente uma corda que vai do próprio umbigo ao infinito, a pique de reentronizar a noção romântica do poeta cósmico, do poeta iluminado e centro do mundo. (CANDIDO, 2002, p. 163)

A postura de Candido tende a ver nos poetas modernistas que eles, aos poucos e sensivelmente, souberam pesquisar as possibilidades da estética (conforme conquista do modernismo, já assinalou Mário de Andrade em sua célebre conferência de 1942) e o sucesso potencial dos recursos da palavra em detrimento das experimentações dos poetas novos. Assim posto, o crítico dispõe as duas linhas de trabalho poético, mostrando a ineficiência da direção experimental da então mais recente. Dessa forma, ambas parecem antagônicas, respostas dicotômicas para um mesmo problema. Não obstante, essa avaliação ignora, ou dificulta a observação de certas penetrações. Por exemplo, o alinhamento estético e crítico de Sérgio Milliet, Cassiano Ricardo e Menotti del Picchia, rebentos do primeiro modernismo no pastoreio das manifestações poéticas dos novos; ainda, não dá conta de explicar a apropriação de Péricles e Carlos Köpke das ideias estético-formais de Mário de Andrade expressa na *Revista Brasileira de Poesia*, apropriação devidamente criticada por Sérgio Buarque de Holanda (CAMILO, 2008-2009), no período. Na mesma via, ignora inserções de ordem discursiva e de suas possibilidades para a abertura do espaço da poesia desses poetas, como a colaboração do próprio Sérgio Buarque de Holanda na *Revista*.

Em última instância, intensifica-se o questionamento acerca do lugar na *Revista Brasileira de Poesia* no qual Candido transita. O crítico aceitou fazer parte do conselho consultivo do periódico e colaborou com alguns textos. Não com este, naturalmente...



Em vez de abrir a revista com um texto adequado ao congresso por ela organizado, encontramos o texto de Candido intitulado "Nota sobre dois aspectos de Ezra Pound" (1948). Nesse texto, o crítico comenta as diferenças poéticas entre T.S. Eliot e Pound, destacando que este último possui uma expressão mais direta, sem meios-terminos, enquanto Eliot sujeita a experiência a uma "rede sutil" de relações que "amortece o impacto inicial da realidade". No entanto, há uma tendência que os une e que também pode ser observada no autor de *Mulheres apaixonadas*, D.H. Lawrence: uma inclinação desses poetas "imagistas" em direção a ideias fascistas e totalitárias. Candido lista características comuns a esse "grupo", como o culto ao heroísmo, ao fervor e à exaltação verificadora. A crítica é perspicaz e libertária, ao contrário do tom elogioso que pode ser encontrado em outros artigos da revista.

Nesse ínterim, o autor estava comentando o alinhamento dos três poetas ao fascismo num meio de publicação em que dois deles, Eliot e Pound, são amplamente citados por características louváveis. Pode-se compreender, entretanto, que o fato de os editores publicarem o artigo demonstra que havia, mesmo por vias tensas, espaço para a heterogeneidade.

Ou uma heterogeneidade cordial. De fato, a *Revista Brasileira de Poesia* não possuía a ética combativa aos moldes de *Orfeu*, do Rio de Janeiro, que dedicou muitas páginas à negação explícita a maiores personalidades do modernismo. Na *Revista Brasileira de Poesia*, publicam-se autores de linhagens e agendas distintas. Mas essa ampla divulgação não é alijada de posicionamentos marcados e escolhas definidas por parte dos poetas-arcontes do periódico. Isto posto, na publicação do artigo de Candido, por exemplo, percebe-se uma espécie de tensão. Tensão em diversos níveis: uma delas é a "substituição" do texto que nunca foi publicado na revista, o discurso de abertura do congresso de poesia, por um outro artigo; além disso, o contraponto teórico da proposta do artigo de Candido *tensiona* pressupostos poéticos presentes em artigos da revista de autoria dos editores do periódico; isso dá sinais de outras tensões, como a instaurada por um conjunto de pressupostos críticos diferente daquele defendido na mesma publicação, incentivando olhares que levem em consideração essas *origens mistas*.

Em se tratando ainda de espaços, pode-se refletir acerca dos espaços que, de volta ao I Congresso Paulista de Poesia, o evento ocupou durante aquela semana de 1948. Já foi mencionada a adesão do então diretor da Biblioteca Municipal ao grupo, o que certamente facilitou a realização do congresso em suas imediações, contando com uma exposição de obras



modernistas promovida pela *Revista Brasileira de Poesia*. A segunda “sessão plenária” foi realizada em outro espaço, no Bar Municipal. Nota-se a presença de Oswald de Andrade na ocasião:

Nessa sessão foram discutidos numerosos assuntos de ordem interna. Houve também debates sobre temas literários, tendo participado das discussões os srs. Geraldo Vidigal, Carvalho da Silva, Paulo Fraletti, Tavares de Miranda, [Mário da] Silva Brito, Rossine Guarnieri, Bondim Betarello, [Carlos] Burlamaqui Kopke, Oswald de Andrade e outros. (*REVISTA BRASILEIRA DE POESIA*, 1948, p. 53)

Então, ainda que seja num local que evoque, de algum modo, uma atmosfera informal, a descrição das atividades na revista segue o referido estilo grandiloquente. Os assuntos “internos”, omitidos, são a prova disso, pois não “couberam” naquelas páginas, tomadas por ares de seriedade. Também não couberam na “ata” o barramento do congresso no Museu de Arte, local em que seria realizada a sessão, e as movimentações para alocar novamente a programação, após suposta depredação da sala de conferências do museu após a primeira parte do evento.³

A terceira sessão do evento foi realizada no auditório do Instituto de Educação Caetano de Campos. Há nessa ocasião uma discussão interessante acerca do espaço do escritor nos meios jornalísticos e sobre o direito de remuneração. Entretanto, a discussão é apenas aludida, sem maiores explicações:

Abertos os trabalhos pelo sr. José Geraldo Vieira, foi inicialmente lida uma indicação, subscrita pelos srs. Escobar Faria, Camargo Guarnieri, Ciro Pimentel, Luis Washington, Alice Guarnieri e outros, exigindo a remuneração, pela imprensa, da colaboração em verso. A proposta foi combatida pelo sr. Geraldo Pinto Rodrigues. Apresentado pelo sr. Domingos Carvalho da Silva um substitutivo recomendando aos poetas a não colaboração gratuita em

³ Domingos Carvalho da Silva, em entrevista, dá seu ponto de vista: “Houve também — prosseguiu o entrevistado — o pitoresco caso do Museu de Arte, que, por ter encontrado no auditório algumas pontas de cigarro, fechou as portas à segunda sessão do Congresso, intempestivamente. Admito que os dirigentes do Museu, que se achavam, aliás, no Rio, foram mal informados pelos empregados subalternos e tímidos que aqui se encontravam. Nada perdemos, porém, com essa ‘gafe’ dos zeladores do Museu. A sessão que realizamos, na manhã do dia 1º, no Bar Municipal, foi a prova de fogo da vitalidade do certame.” (*CORREIO PAULISTANO*, 1948, p. 12)



jornais pertencentes a grandes empresas capitalistas, foi o mesmo aprovado. (REVISTA BRASILEIRA DE POESIA, 1948, p. 54)

Não obstante, é notável a relevância da proposta, já que demonstra inquietações acerca do papel dos escritores para o sistema de capitalização da sociedade, bem como dá indícios da conexão entre o poeta e o jornalismo literário. Vale lembrar, poucos anos mais tarde, na década de 1950, no âmbito do jornalismo literário, conforme Alzira Alves de Abreu (1996), se afirma a profissionalização do escritor na colaboração paga em suplementos dos jornais de grande circulação, cindindo o jornalismo entre o *tout court* objetivo, noticiário, e o jornalismo de opinião e de crítica, legado ao espaço do suplemento. Nesse contexto, a publicidade ganha corpo nos meios de comunicação de massa.

Além disso, percebe-se através da nota acima citada a aceitabilidade das ideias de Domingos Carvalho da Silva pela maioria dos presentes no congresso. Mas, essa aceitação teria algum ruído, algum incômodo naquela mesma ocasião. Esse ruído foi tamanho que transbordou até naquelas páginas em linguagem de ata.

Passou-se em seguida à discussão da tese “Há uma nova Poesia no Brasil”, do sr. Domingos Carvalho da Silva. Lida a tese pelo autor, e o parecer da Comissão pelo sr. Jamil Almansur Haddad, pediu a palavra o sr. Oswald de Andrade, que combateu a tese em causa. Travaram-se então animados debates, dos quais participaram o orador, o autor da tese e os srs. Burlamaqui Kopke, Tavares de Miranda, Rossine Guarnieri, Almansur Haddad e outros congressistas.

A sessão foi suspensa quando o sr. Oswald de Andrade ainda estava com a palavra. (REVISTA BRASILEIRA DE POESIA, 1948, p. 55, grifos meus)

O debate deve ter sido bastante acalorado, haja vista que houve a “necessidade” de interrompê-lo na metade da argumentação de Oswald de Andrade. Ainda que fortemente atuante no primeiro modernismo e presente na cena literária da década de 1940, nenhum comentário ou pronunciamento de Oswald de Andrade foram publicados na *Revista Brasileira de Poesia*. Mas a conferência de Domingos, mesmo rejeitada pela comissão de teses do evento, foi! A rejeição, como se verá, se deve à atitude obstinada de Domingos para causar conflito. Obstinada com uma tese de ruptura. Vamos à fala do autor; em seguida, por contraponto, ela

será confrontada com a rejeição da tese pela comissão de avaliação do evento representada por ninguém menos que Patrícia Galvão.

Já mencionei que o discurso “Há uma nova poesia no Brasil”, ao contrário do discurso de abertura de Antonio Candido e de diversas outras falas, foi publicado na *Revista Brasileira de Poesia*. No penúltimo artigo da seção “Arquivo” daquela terceira edição do periódico — logo antes de “Ritmo, parnasianismo e palpites”, no qual Péricles Eugenio rebate crítica acerca de sua poética classificada como “parnasiana” por Almeida Sales — há a transcrição integral da “tese” de Domingos Carvalho da Silva.

Entretanto, o periódico faz uma introdução antes de apresentar a integridade da fala do poeta:

A tese que abaixo se vai ler foi apresentada por Domingos Carvalho da Silva ao 1º Congresso Paulista de Poesia, onde deu margem a longos e apaixonados debates. Subiu ao plenário com o seguinte parecer da Comissão incumbida do exame das teses, assinado por Jamil Almansur Haddad – relator; José Eduardo Fernandes, Paulo Mendes de Almeida, José Tavares de Miranda e Patrícia Galvão: “A comissão recomenda ao plenário a discussão da tese, que comporta mais amplo debate, em face das afirmativas nela contidas. Os assuntos nela focalizados são de transcendente interesse em vista do esclarecimento das tendências da poesia contemporânea brasileira. A Comissão rejeita as conclusões da tese, ao mesmo tempo que discorda de várias de suas premissas. Recomenda, entretanto, sua publicação nos Arquivos do Congresso, como ainda a publicação, se for possível, dos debates que suscitar. Reconhece, todavia, o valor desta contribuição ao Congresso. Recomenda, ainda, a leitura em plenário. (REVISTA BRASILEIRA DE POESIA, 1948, p. 65)

Mais uma vez a “euforia” causada pelo discurso de Domingos escorre das declarações protocolares. Percebe-se que a palestra suscitou debates acalorados e que a comissão de avaliação rejeitou suas conclusões. Contudo, destaca-se aqui a publicação de Domingos no âmbito da *Revista*, demonstrando, como já observei em outro momento, a determinação editorial em reforçar o discurso geracional que vinha se formando, na vertente a favor dos poetas de 45. O autor traz premissas que evocam uma ideia de algum modo evolucionista da poesia nacional:



A história nos ensina porém que jamais foi cometida a uma só geração a dupla tarefa de destruir e reedificar Roma; A geração de 1922 avançou até o máximo em sua poesia de combate. Entretanto, sempre que tentou reconstruir alguma coisa, retrogradou, procurando seus modelos no mundo que resolvera sepultar. Os extremos alcançados no “Losango Cáqui” ou no “Pau Brasil” eram um beco sem saída, um inesperado cabo Finisterra. Tendo avançado demais sem um roteiro certo, somente poderiam mudar de itinerário ensaiando a marcha à ré. (SILVA, 1948, p. 66)

As analogias construídas por Domingos são pautadas em termos que variam de “edificação”, “reconstrução” a “sepultamento” e “beco sem saída”, o que pressupõe uma noção de produção literária de natureza semelhante a uma ideia de linearidade da história. Na tentativa de síntese e de defesa, o autor recai em classificações que não abrangem a poesia, não satisfazem a “tentativa” de balanço do modernismo. Essa força teórica, frágil e demolidora ao mesmo tempo, servirá a mesma medida para a tentativa de afirmação de uma nova fase da poesia brasileira que estaria despontando. Ou melhor, para ser mais preciso: uma tentativa de definição do que estava acontecendo no campo de produção da poesia (isso separa as coisas, a tentativa de definição como um corpo à parte da sensibilidade poética que inevitavelmente circulava de fato).

Mas “a poesia da hora que passa não é uma herança legada pelo passado ao presente; é uma conquista da nova geração”; para Domingos, que argumentava e agrupava os poetas a partir de medidas pautadas em termos de “geração”, acabará por, naquela ocasião, cunhar o termo “geração de 45”, que acabou permanecendo — o termo.

Estamos, em conclusão, diante de uma nova poesia, profundamente, radicalmente diversa da que prevaleceu até poucos anos atrás no ambiente literário nacional. Não se trata de uma questão opinativa, mas de um fato verificável objetivamente. O modernismo foi ultrapassado. Cabe portanto aos poetas novos prosseguir o rumo que se anuncia, sem transigência com o passadismo e sem compromissos com a semana de Arte Moderna. (SILVA, 1948, p. 69)

Obviamente, a tese de Domingos Carvalho da Silva não se sustenta hoje em dia tanto quanto não se sustentava no momento em que foi proferida. Sabe-se, e não pretendo me aprofundar nessa questão, que o modernismo da década de 1920 não se limitou a uma década,



e produz ressonância, por exemplo, na poesia de Ana Cristina César, na poesia concreta, na poesia dos dias atuais; sabe-se que o modernismo não se findou em 1929, sabe-se que ele não é uma questão de tempo: talvez seja uma questão de espaço. Espaço do modernismo, que se espalha e que acomoda manifestações artísticas das mais diversas faces até hoje. Mas a relevância da tese de Domingos Carvalho da Silva reside não no seu absurdo especulativo, mas na contribuição desse absurdo para a formação de um discurso acerca da poesia da “geração de 45”. Essa sobrevivência persiste quando, como já mencionou Gilberto de Mendonça Teles, a crítica literária se refere a esse grupo incerto de “a chamada geração de 45”. Isso demonstra que o próprio termo, cunhado em “Há uma nova poesia no Brasil”, carrega consigo uma história da postura reativa e de ruptura para com o modernismo, que à época do evento já era tradição, a tradição modernista. Não obstante, esse texto “fundacional” não agenciou sozinho as problemáticas cisões da crítica. Eliseo Verón, importante teórico da análise do discurso, acerca desses textos que aparentam “fundar alguma coisa”, aponta certamente que um fenômeno histórico:

1. No tiene la unidad de un acontecimiento; es un proceso y no un acontecimiento singular;
2. No tiene la unidad de un acto, cuyo origen sería un agente humano singularizado;
3. No tiene la unidad de un lugar ni de un espacio (aun textual), por lo tanto es inútil buscarlo en “alguna parte”.⁴ (VERÓN, 1993, p. 27)

Além da reação de Oswald de Andrade apenas mencionada na revista, houve uma declaração contundente sobre o discurso de Domingos que não foi incluída nas páginas do periódico: um pronunciamento no congresso por Patrícia Galvão, publicado como parte de um artigo maior no *Diário de São Paulo* (note-se, não no *Correio Paulistano*, nem no *Jornal de Notícias*), em 9 de maio de 1948.

O grupo de que saiu essa tese, apresentada pelo sr. Domingos Carvalho da Silva, é o mesmo grupo que lançou a *Revista Brasileira de Poesia*, responsável também pela concretização do Congresso. Caracteriza-se o autor da tese como

⁴ “Não possui a unidade de um evento; é um processo e não um evento singular; Não possui a unidade de um ato, cuja origem seria um agente humano singularizado; Não possui a unidade de um lugar ou de um espaço (ainda que textual), portanto é inútil procurá-lo em ‘algum lugar’.” (Tradução minha)



porta-voz, pelo comportamento de todos os componentes do grupo, que não apresentaram nenhuma tese contrária ou paralela a esse ponto de vista, e durante o Congresso apoiaram, cada um por sua vez, sem quebra de unidade, a “nova poesia”, datada de 1945. A tese da “nova poesia” voltou-se, em sua crítica ao passado, até a Semana de Arte Moderna de 1922, desse movimento destacando a poesia, para dizer que a “nova” é uma “conquista” de 1945, desligada inteiramente das pesquisas de então. O movimento de 1922 é assim considerado “coisa morta” pelo grupo do sr. Domingos Carvalho da Silva. (GALVÃO, 2014, p. 159)

Parece evidente que a recepção da fala de Domingos por parte do circuito externo aos poetas de 45, além de rejeitá-la, nota uma proeminência da figura do autor como espécie de “porta-voz” de sua geração. Na fala de Patrícia Galvão, isso se evidencia e dá outros dados a essas sensações: confirma a adesão da maioria dos congressistas às ideias de Domingos. A autora também alinha essa adesão à proposta estética da *Revista Brasileira de Poesia*. Feita essa introdução que sintetiza com lucidez os acontecimentos decorrentes do pronunciamento de Domingos, a autora publica integralmente, no artigo do *Diário de São Paulo*, seu pronunciamento-resposta, em coautoria com Geraldo Ferraz, seu companheiro à época. Destaco algumas passagens:

A tese do sr. Domingos Carvalho da Silva [...] tem importância porque, dentro de suas linhas, repousa o consentimento de um agrupamento de moços. [...] É a corrente que cresceu dentro de um estado de espírito estreito, passivo, oprimido. Essa geração não tem culpa. Dentro dos muros da opressão ela não pôde desenvolver as suas asas.

Por que o sr. Domingos Carvalho da Silva toma-se de uma espécie de fobia, como se mencionou na discussão, opondo a existência de uma poesia de 1945 à poesia de 1922? Muito simplesmente porque 1922 é um marco revolucionário — e 1945 é apenas a saída de uma prisão sem que os prisioneiros libertados saibam o que fazer de sua liberdade. Não são portadores de uma nova palavra de ordem. Olham para trás e só veem 1922, e podemos pensar que, com essa “fixação”, a tese do sr. Domingo Carvalho da Silva nada mais é que uma tentativa sonolenta de um manifesto para formular um grito de independência. É justo que assim o desejem ele e os que o apoiam, verificando que não há mais grandes para a sensibilidade e para o sonho. Mas,



não é atacando o passado, e um passado que é um marco, como 1922, que o hão de conseguir.

[...]

Concluindo, pensamos que o sr. D. C. da S. tem de fazer no mínimo uma revolução, se quiser se qualificar pelo menos como soldado raso da nova investida.

A “conquista” que afirma ter feito, conforme está na tese, da poesia de 1945, não passa de uma *sublimação* que armou este congresso para ter onde se expor.

Pedimos ao Congresso que repila o papel de submissão, diante desse malabarismo, recusando sua adesão a um ponto de vista de um grupo que quer tomar o poder, sem ter credenciais para isso.

indicação: Pelo seu caráter de ensaio, pela tentativa de empolgar uma situação que só pode ser obtida na manipulação do “fogo sagrado”, o Congresso de Poesia rejeita a tese do sr. D. C. da S., pela sua inocuidade. (GALVÃO, 2014, p. 160)

De fato, a estratégia de Domingos e de sua “corrente” visava ao poder em um campo de atuação literária, bem como sinaliza a conformação de seu ideário, seu consentimento por parte de seus membros. Patrícia Galvão e Geraldo Ferraz problematizam, assim como já exposto acima, o uso indiscriminado de marcos cronológicos para a tessitura de definições da poesia brasileira. E a declaração de rejeição em nome da comissão de teses possui outro tom, mais contundente que a exibida na introdução ao texto de Domingos na revista. Essa declaração como um todo é testemunha de uma outra postura, mais alinhada ao que Antonio Candido já tinha exposto na abertura, mas que também não teria espaço na *Revista Brasileira de Poesia*. É através de apagamentos como esses que o contorno de uma forma, pelo negativo, se faz contrastante como nanquim em papel branco.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves de. Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 50. In: ABREU, Alzira Alves de et al. *Imprensa em transição*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getulio Vargas, 1996.

- ALVES, Maria Marcelita Pereira. In: *Revista Brasileira de Poesia: contribuição para o estudo do modernismo brasileiro*. 1979. 1 v. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1979.
- ANDRADE, Oswald. Aviso aos navegantes. Telefonema. Rio de Janeiro, *Correio da Manhã*, n. 16328, p. 2, jan. 1948.
- CAMARGO, Maria Lucia de Barros. Revistas literárias contemporâneas. In: LUSTOSA, Isabel (Org.). *Imprensa, história e literatura*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2003.
- CAMILO, Vagner. *A modernidade entre tapumes: da poesia social à inflexão neoclássica da lírica brasileira moderna*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2020.
- CAMILO, Vagner. O aerólito e o zelo dos neófitos: Sérgio Buarque, crítico de poesia. In: *Revista USP*, São Paulo, n. 80, p. 111-124, 2008-2009.
- CANDIDO, Antonio. Notas sobre dois aspectos de Ezra Pound. In: *Revista Brasileira de Poesia*, v.1, n.º.3, p. 19-22, ago. 1948.
- CANDIDO, Antonio. Org. Vinícius Dantas. *Textos de intervenção*. Editora 34, 2002.
- CORREIO PAULISTANO. A batalha entre 22 e 45 determinou o itinerário do Congresso de Poesia. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 12, 08 maio 1948.
- GALVÃO, Patrícia. Contribuição ao julgamento no Congresso de Poesia. In: GALVÃO, Patrícia. Org. Augusto de Campos. *Pagu vida-obra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 159.
- MAINGUENEAU, Dominique. Análisis del discurso, literatura y ciencia. *Arbor Ciencia, Pensamiento y Cultura*, v. 194-790, 2018.
- MARTINS, Ana Luiza; LUCCA, Tânia Regina de. *Imprensa e cidade*. São Paulo: Unesp, 2006.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas Literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- REVISTA BRASILEIRA DE POESIA. São Paulo, v. 1, n. 3, ago. 1948
- SILVA, Domingos Carvalho da. Há uma nova poesia no Brasil. *Revista Brasileira de Poesia*, São Paulo, n. 3, p. 66-69, ago. 1948.
- VERON, Eliseo. *La semiosis social*. Elementos para una teoría de la interdiscursividad. Barcelona: Gedisa, 1993.
- WHITTEMORE, Reed. *Pequenas revistas*. Tradução Ana Maria Martins. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1963.